

## *Pensiero debole*, democracia e comunismo: a questão política no pensamento de Gianni Vattimo\*

*Pensiero debole, democracy and communism: the political question of Gianni Vattimo's thought*

*Pensiero debole, democracia y comunismo: la cuestión política en el pensamiento de Gianni Vattimo*

Antonio Glaudenir Brasil Maia\*\*

**Resumo:** A presente reflexão se propõe apresentar que a questão política configura a fase atual do *pensiero debole* de Gianni Vattimo, apoiado não apenas na sua recente produção e na literatura pertinente, mas também na sua intervenção política no Parlamento europeu nos últimos anos. O sentido político que o *pensiero debole* assume como crítica do poder representa o caráter de (in)atualidade de uma filosofia que pense o presente. Tal sentido é perceptível na reflexão em torno da democracia e do comunismo, levando em consideração a crítica da metafísica e o papel da hermenêutica. Obviamente, isso implica uma releitura do comunismo como motivação e ideário que, na versão do chamado comunismo hermenêutico, ainda se configura como um espectro em nosso tempo.

**Palavras-chave:** *Pensiero debole*. Democracia. Comunismo. Vattimo

**Abstract:** This reflection aims to show that the political question sets the current phase of Gianni Vattimo's *pensiero debole*, supported not only by his recent production and related literature, but also by his political intervention in the European Parliament in recent years. The political sense that the *pensiero debole* assumes as criticism of power represents a characteristic of (non)actuality of a philosophy that thinks the present. Such direction is noticeable through the reflection on democracy and communism, considering the critique of metaphysics and the role of

\* Agências de fomento: Capes; UFC; UVA; Uece.

\*\* Doutor em Filosofia. Professor na Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral – CE. E-mail: glaudenir@gmail.com

hermeneutics. Obviously, this implies a new reading of communism as motivation and ideal that, according to what is called hermeneutical communism, is still a spectrum in our times.

**Keywords:** *Pensiero debole*. Democracy. Communism. Vattimo.

**Resumen:** Esta reflexión tiene como objetivo presentar la cuestión política en la fase actual del *pensiero debole* de Gianni Vattimo, con el apoyo no sólo en su reciente producción y en la literatura, sino también en su intervención política en el Parlamento europeo en los últimos años. El sentido político que el *pensiero debole* asume como crítica del poder es el carácter de la (in)actualidad de una filosofía que piensa el presente. Esta dirección es notable en la reflexión sobre la democracia y el comunismo, teniendo en cuenta la crítica de la metafísica y el papel de la hermenéutica. Obviamente, esto implica una reinterpretación del comunismo como la motivación y las ideas que en la versión del llamado comunismo hermenéutico, todavía representa un espectro en nuestro tiempo.

**Palabras clave:** *Pensiero debole*. Democracia. Comunismo. Vattimo.

## Introdução

O presente artigo trata da questão política como recente fase do *pensiero debole* de Vattimo, apoiado não apenas na sua recente produção e na literatura pertinente, mas também na sua intervenção política no Parlamento europeu nos últimos anos. Com isso, se consolida a passagem de uma fase “filosófico-reconstrutiva” para uma “interpretativo-propositiva”. Essa fase interpretativo-propositiva, em seu diálogo construtivo com a herança filosófica, marca significativamente o seu pensamento, a sua produção intelectual e a sua atuação como filósofo, professor, articulista, enfim, político.

Para isso, apresentam-se os argumentos que asseguram a relação da sentença do “fim da filosofia como metafísica” com a afirmação da democracia. Isso passa pela interpretação do significado do fim da metafísica no âmbito da filosofia, suas implicações para a condição da democracia e para a releitura do comunismo do ponto de vista hermenêutico, que ainda motiva a luta por uma sociedade justa. Em tal análise interpretativa, o reconhecimento do caráter essencialmente político é o aspecto fundamental que qualifica o *pensiero debole* que, sem dúvida, leva em consideração tanto a sua dimensão filosófica quanto o

caráter da crítica do poder que assume ante o fundamentalismo do tipo não apenas religioso, mas também econômico e político, como desafio da nossa contemporaneidade.

### ***Pensiero debole*: a sigla de uma “nova filosofia”**

O ano de 2016 celebra mais de três décadas da publicação da obra *Il pensiero debole* (1983), organizada por Vattimo com Pier-Aldo Rovatti. Contudo, é indiscutível que a obra lançada em 1983 não funda o pensamento filosófico de Vattimo como uma corrente. A propositura filosófica de Vattimo e a sua produção acadêmica, ao longo dos anos posteriores à publicação da homônima obra de 1983, alcançaram um grau de maturidade, contrariando muitas das contestações surgidas na década em que a obra chega ao conhecimento do público, até mesmo no ambiente acadêmico, no qual vem ocupando espaços na atualidade. Retoma-se aqui algumas teses fundamentais que asseguram um significado especial e prioritário concebido pela reflexão de Vattimo em sua ulterior produção acadêmico-filosófica.

A referida obra inicia com a seguinte constatação: “O debate filosófico tem hoje ao menos um ponto de convergência: não se dá uma fundação única, última, normativa”. (VATTIMO; ROVATTI, 1983, p. 7). Trata da primeira advertência com que o leitor se depara na obra *Il pensiero debole* (1983), com a qual já anuncia a rejeição de toda e qualquer tentativa de se estabelecer uma fundamentação última. Eles também afirmam, entretanto, que a sentença, expressa na passagem, não se legitima na busca de uma fundamentação mais verdadeira, coerente e infalível que substitua a fundamentação metafísica. Tampouco se apresenta como justificadora de uma ordem metafisicamente válida, de uma vez por todas, como se o pensamento permanecesse sob a lógica insuperável da fundamentação, que configurou vários paradigmas filosóficos na tradição ocidental.

Na verdade, pode-se aqui destacar que a propositura renuncia à pretensão de uma reconstituição da racionalidade fundamentada na metafísica, caracterizada pela legitimação totalizante e pela esquematização do pensamento em torno de um fundamento último-absoluto. Isso representa a intencionalidade principal do *pensiero debole* que não tem um sentimento de nostalgia com relação à razão universal/totalizadora, levando até as últimas consequências a tese nietzscheana do anúncio da *morte de Deus* e da denúncia heideggeriana da experiência do *esquecimento do ser* pela metafísica.

O *pensiero debole* é, conforme Vattimo preconiza, uma *filosofia do debilitamento* como possibilidade que se abre depois do chamado à atitude do filosofar que leva em conta o “fim da filosofia como metafísica” (como definiu Heidegger), em que a própria metafísica não representaria mais *nenhuma* opção. Aqui se ressalta a intenção de Vattimo, em especial, quanto ao desenrolar de suas reflexões, da evolução de seu pensamento nas obras *Al di là del soggetto* (1981), *Le avventure della differenza* (1980) até os êxitos do *Pensiero debole* (1983), que vai na direção radicalizante da lógica de fundamentação metafísica: sua reflexão, que leva a sério a descoberta *marxiana-nietzscheana* das ligações entre evidência metafísica do fundamento e relações de domínio, não busca se encaminhar por um prisma dialético-emancipativo do pensamento em função de, no fim, apresentar-se como outro fundamento, que se reproporia a imposição da razão clássica como razão global. Tudo isso equivale a uma significativa mudança da imagem da racionalidade, que se evidencia na renúncia e não na perda do poder da razão. E, por fim, a abertura ao *futuro*, com a pretensão de avançar rumo ao encontro do novo, socialmente mais livre, exigindo a renúncia do horizonte disciplinador e, digamos, opressor que comumente é construído por novos *acordos*, tendo como pressuposto uma racionalidade totalizadora.

O caminho dos organizadores da obra homônima de 1983 toma o rumo da denúncia da falta de liberdade e da violência que configuram a estrutura totalizadora da metafísica, por razões estritamente éticas (e políticas). Em se reconhecendo a insuperabilidade da lógica da fundamentação e das verdades absolutas da metafísica, compreende-se que uma refutação de cunho teórico-especulativo estaria condenada ao fracasso, pois, conseqüentemente, se reafirmaria a própria lógica fundacional da metafísica, como denunciara Heidegger no ensaio sobre *A superação da metafísica* (1954). Vattimo interpreta assim a concepção heideggeriana de metafísica e eleger como ponto de vista de referência interpretativa a dimensão ético-política que o *pensiero debole* porta consigo:

Um pensamento que identifica o ser e o ente, e reduz assim a existência humana à objetividade, prepara – e mesmo determina – uma prática ética e política que pensa poder planificar e manipular os homens exatamente como os objetos. Não são, sobretudo, razões teóricas as que levam Heidegger a recusar e criticar a Metafísica; são razões ético-

políticas, as mesmas que inspiraram as vanguardas artísticas e intelectuais do começo do século, por exemplo, o expressionismo ou Ernest Bloch. (VATTIMO, 1996, p. 152).

Daí, lançar mão do primeiro elemento fundamental para a compreensão do significado da expressão *pensiero debole*, não é o sentido filosófico-especulativo, como parece à primeira vista, mas, principalmente, o seu sentido ético-político. Esse é o sentido ao qual Vattimo permanecerá fiel até a atualidade, conforme será exposto neste artigo.

### **O filósofo e o político: a recente fase do pensamento de Vattimo**

No panorama da filosofia contemporânea, a relação com a metafísica é mediada por uma atitude de desconfiança, não com base na motivação teórica, mas, antes de tudo, por razões ético-políticas. Nesse contexto de reflexão, o *pensiero debole* constitui os primeiros passos do *programa* filosófico de Vattimo, na leitura da sociedade e da tradição filosófica. Desse modo, o *pensiero debole* pode ser considerado a chave de interpretação da passagem da modernidade para a pós-modernidade, a qual Vattimo considera que é a experiência filosófica ulterior ao fim da Metafísica. No entanto, se adverte que o *pensiero debole* e a pós-modernidade não devem ser sobrepostas, devido ao fato de essa ter concretizado seu tempo, enquanto o *pensiero debole* permanece como um modo de leitura da filosofia passada e presente, considerando a crítica do poder o centro de sua preocupação.

De fato, nascia como instrumento de luta contra cada violência metafísica e, por consequência, de cada fixação objetiva da Verdade (com a inicial maiúscula). Não se apresentava como um simples discurso teórico, tinha uma valoração explicitamente “política” e o caráter essencialmente ético, que Vattimo chamava *pietas* (isto é, substancialmente, uma escuta do diverso). (ROVATTI, 2011, p. 11).

Essa foi a interpretação de Rovatti publicada em seu livro intitulado *Inattualità del pensiero debole* (2011), no qual defende que o caráter ético-político do *pensiero debole*, tendo o poder como o centro da questão, pode ser considerado a chave de interpretação de sua condição de

inatualidade. Assim, o nascedouro do *pensiero debole* apresentava uma consonância particular com o pensamento crítico de Foucault e com sua análise da sociedade disciplinar, do poder microfísico, quando ensinou, com um gesto nietzschiano, que a história é um suceder de jogos de verdade, o que significa que está em jogo o próprio valor das palavras *verdadeiro* e *falso*, aplicadas, muitas vezes, sobre bandeiras ideológicas na luta de posições, oposições e para obtenção de vantagens.

Isso seja, talvez, o primeiro sinal da *inatualidade* do *pensiero debole*, no sentido de permanecer como crítica da filosofia e do pensamento metafísico (forte), como crítica radical do poder e de cada vontade de poder, a começar pela própria filosofia. Ademais, o *pensiero debole* se legitima como pensamento dos sujeitos plurais, concretos, empíricos e com a devida atenção voltada à descrição da realidade em termos de poder e dos efeitos autoritários da razão (metafísica). Por isso, fica evidente que um dos pontos de sua inatualidade reside na releitura da tradição do pensamento e da sociedade, contaminado pela ideia de multiculturalismo. Concebe-se, então, o *pensiero debole* como um saber entre outros, porém, diferente por sua atenção, pelo exercício de estado de alerta, pela suspeita diante da imobilidade, do aspecto simplificador que o pensamento forte impõe no cotidiano comum.

Os argumentos de D'Arcais, no ensaio *Per una critica esistenzial-empirista dell'ermeneutica* (2011), reforçam a tese de a filosofia de Vattimo poder ser reconhecida como uma filosofia essencialmente moral ou, melhor e mais especificamente, ético-política. D'Arcais *acentua que, quando Vattimo elege a emancipação do homem como preocupação central de seu pensamento, define a missão radicalmente política da filosofia.*

[Trata-se], de fato, de uma filosofia ante-metafísica, ante-dogmática e ante-autoritária, onde o propósito teórico (ante-metafísico e ante-dogmático) é, porém, comandado explicitamente pelo propósito político (ante-autoritário). Radicalmente política é a missão da Filosofia: contribuir para a emancipação do homem. (2011, p. 41).

Ao analisar a vocação filosófica orientada à política, Vattimo designa, na obra *Vocazione e responsabilità del filosofo* (2000), que a tarefa da transformação da sociedade, do homem e do mundo passa pela filosofia não apenas pensada como inclinação pessoal. Desse modo, a questão que prevalece na filosofia é sempre um bem político, uma questão de

comunidade política. Por isso, política e filosofia são concebidas como as duas articulações de um mesmo modo de práxis orientada à emancipação humana. O essencial permanece na filosofia de Vattimo: fazer filosofia é sempre uma das modalidades de fazer política. É sobre esse horizonte que caminha a reflexão, a produção e a atuação de Vattimo na atualidade.

Em seu livro *Ecce Comu* (2007), afirmou que o seu pensamento percorreu o trinômio religioso-filosófico-político. O itinerário especulativo vattimiano percorre esse trinômio de forma interdependente, que não se pode pensar o filosófico que não seja religioso e político, e vice-versa. Para a presente reflexão, se lança mão da questão política como não apenas a terceira fase do pensamento de Vattimo, o que compreende, à primeira vista, duas possibilidades, a saber: a primeira visa a defender a questão política como a etapa mais recente de seu pensamento, ainda não explorada de forma apropriada e, em segundo lugar, que essa etapa pode ser compreendida em algumas de suas teses sobre a situação política atual.

É importante reconhecer que a atuação política de Vattimo, o seu envolvimento partidário e a sua passagem pelo Parlamento europeu, no período de 1999 a 2004 – e, principalmente, o seu retorno ao Parlamento no período de 2009 a 2014 – demonstra que a política é a fase atual de seu pensamento. Porém, se pode afirmar, ainda, que seu envolvimento político principia com a publicação de *Oltre l'interpretazione* (1994) continua com *Nichilismo ed emancipazione* (2003), na qual se dedica à discussão sobre ética, política e direito. É claro que as obras *Ecce Comu* (2007), *Addio alla verità* (2009), *Hermeneutic Communism* (2011a) e *Della realtà: fine della filosofia* (2012) são balizadoras da tese desenvolvida no presente artigo.

As questões e as ações políticas percorreram a sua vida desde a juventude, tornando-se preponderante nos últimos anos. É importante destacar que os vários intérpretes focalizaram prevalentemente o aspecto filosófico do percurso especulativo de Vattimo ou, quando muito, a sua reflexão sobre o religioso-teológico.<sup>1</sup> Giorgio, em *Nichilismo ermeneutico*

---

<sup>1</sup> A questão do religioso em Vattimo foi tratada por Carmelo Dotolo, Monaco e Giorgio, e alguns dos aspectos políticos foram destacados por Dussel. (DOTOLO, C. *La teologia fondamentale davanti alle sfide del "pensiero debole" di Gianni Vattimo*. Roma: LAS, 1999; DUSSEL, E. *La ética de la liberación: ante el desafío de Apel, Taylor e Vattimo*. México: Plantel Laguna, 1999; MONACO,

e política (2007), foi um dos primeiros a assinalar a perspectiva de uma fase ético-política como momento tardio do pensamento do filósofo italiano. Nesse seu artigo, ele classificou como ético-política a etapa mais recente do pensamento de Vattimo, principalmente, com a publicação de algumas obras e a atuação política de Vattimo, com a sua passagem pelo Parlamento europeu (1999-2004). Nesse contexto, concorda-se parcialmente com Giorgio (2007).

Contudo, quando se avalia o artigo citado, percebe-se que, apesar de considerar a natureza ético-política do pensamento de Vattimo como essencial à época, a leitura de Giorgio restringe-se às postulações referentes à atividade política de Vattimo expostas na obra *Ecce Comu* (2007). Essa última traduz, ainda que de forma sumária, as intervenções e preocupações que ocuparam a sua participação política não apenas como europarlamentar, mas como filósofo, professor, ou como ele próprio disse “a obra narra uma longa marcha através das oposições”. É claro que as referências utilizadas são incontestáveis, porém, a questão política, de fato, permanece ausente não por negligência do referido autor. Dada a época da publicação de seu texto, não se dispunha de outras obras fundamentais acerca da proposta de nosso artigo, bem como Vattimo não tinha ainda retornado ao Parlamento, o que ocorreu em 2009. O texto de Giorgio cumpre uma etapa extremamente importante, haja vista chamar a atenção dos estudiosos sobre o caráter ético-político do pensamento de Vattimo, o que também fizeram Rovatti (2011), D’Arcais (2011) e Maia (2013). Acredita-se que até mesmo Vattimo não tenha, antes de seu retorno ao Parlamento, projetado a questão política no âmbito de sua reflexão de forma tão acentuada e decisiva, embora a

---

David. *Gianni Vattimo: ontologia ermeneutica, cristianesimo e postmodernità*. Pisa: ETS, 2006; GIORGIO, G. *Il pensiero di Gianni Vattimo: l’emancipazione dalla metafisica tra dialettica ed ermeneutica*. Milano: Franco Angeli, 2006). *No Brasil, além de teses e artigos, alguns livros foram lançados tratando sobre o pensamento de Vattimo nos âmbitos filosófico e religioso, mas não aprofundam a questão política, por exemplo: (MARTINS, M. B. Filosofia pós-metafísica da religião. Curitiba: CRV, 2014; ROCHA, A. Filosofia, religião e pós-modernidade. São Paulo: Ideias & Letras, 2014; TEIXEIRA, E. B. A Fragilidade da Razão: pensiero debole e niilismo hermenêutico em Gianni Vattimo. Porto Alegre: Edipucrs, 2005; TEIXEIRA, Evilázio B. Aventura pós-moderna e sua sombra. São Paulo: Paulus, 2005; PECORARO, R. Niilismo e (pós)modernidade. São Paulo: Loyola, 2005). Por ocasião da homenagem ao professor Vattimo, foram publicados alguns textos, dentre eles. (GIORGIO, Giovanni. Nichilismo ermeneutico e política. A Parte Rei. Revista de Filosofia, Madri, nov. 2007). Sobre alguns aspectos da reflexão política em Vattimo, conferir (MAIA, A. G. B. Ocaso do Ocidente e democracia: o comunismo ideal como terceira via? In: PANSARELLI, D. Filosofia latino-americana: suas potencialidades, seus desafios. São Paulo: Terceira Margem, 2013).*

trajetória de tal retorno tenha sido construída nos debates em torno da publicação do livro *Addio alla verità*.

A questão política na reflexão de Vattimo se apresenta de forma mais concisa e consolidada, de fato, com o seu retorno ao Parlamento e a publicação de obras fundamentais, tais como: *Addio alla verità* (2009), *Hermeneutic Communism*, *Della realtà*. Este é o ponto fulcral de nossa reflexão: sem dúvida, o itinerário do pensamento de Vattimo chega à estação da política. Uma consideração parece não ser marginal, dado o fato de Vattimo reconhecer que a sua filosofia não pode renunciar à sua responsabilidade histórica e política. Por isso, é fundamental reconhecer que a sua preocupação como pensador de seu tempo levou-o a afirmar que o papel de professor/jornalista transcende a sala de aula, principalmente, pensando em qual é a tarefa da filosofia na atualidade e o papel do filósofo na contemporaneidade. É a partir dessas ponderações que nossa reflexão avança na leitura da fase em que se tematizam suas reflexões sobre a questão política, que principia com o fim da filosofia metafísica e, conseqüentemente, do significado da expressão o caso do Ocidente que corroboram não apenas o fato de o caráter edificante do discurso filosófico residir na sua vocação política de defesa irrecusável da democracia como, e principalmente, como a tese de o ideário do comunismo ser ainda válido para a situação da política na atualidade.

## A democracia na época do fim da metafísica

A escolha objetiva apresentar a íntima relação existente entre a crítica da metafísica pelo *pensiero debole* e as implicações de tal crítica à leitura do sentido da democracia como uma das problemáticas primordiais da questão política no pensamento de Vattimo. A tal questão se refere, em sentido amplo, à política relativo à ordem da vida social. Nessa obra, Vattimo afirma que o “fim da Filosofia como Metafísica” se assemelha ao “fim dos regimes totalitários” e acrescenta que os Estados democráticos, na atualidade, podem funcionar corretamente, na condição de um mundo globalizado, evitando que o poder esteja nas mãos de um único sistema político central.

É isso que interessa aqui, pois nos permite identificar e compreender o caráter essencialmente político do pensamento de Vattimo, aspecto que configura a atualidade de suas reflexões e de sua produção científica. O fim da metafísica, equivale a dizer que a realidade não se deixa

compreender por meio de um sistema logicamente compacto, aplicável, nas suas conclusões, à política. Em suma, a filosofia se encontra impossibilitada de oferecer à política indicações de traços de sua consciência das essências, dos fundamentos, etc.

Com o fim da filosofia como metafísica, se encerra a função de soberania que os sábios sempre exerceram na *pólis* e permanece o desafio de se evitar a sua substituição pelos especialistas, pelos técnicos que controlariam os vários setores da vida. No entanto, com o desenvolvimento das sociedades, ocorreu a investidura de tais especialistas no comando das decisões e dos destinos econômico-políticos das mesmas. Na obra *La sinistra nell'era del karaoke* (1994) de Bobbio e outros, reconhecia-se que, na relação conflituosa entre direita e esquerda no âmbito da política em geral, persistiriam somente os peritos, porque a direita tem apenas peritos técnicos, não tem filósofos, teóricos, intelectuais. Essa é a parábola da direita.

A democracia não pode ser entregue nas mãos de especialistas, técnicos, pois a democracia dos peritos não é democracia. Imagina-se como seria tal democracia se restassem apenas algumas ciências, os técnicos: a democracia significaria delegar aos físicos e somente a eles questões de energia; aos médicos e somente a eles a questão da saúde e assim por diante. A democracia não pode ser fundada sob a égide da racionalização das sociedades e a criação de estruturas sociais uniformes e que, por isso, alguns defendem equivocadamente a democracia liberal como *única* forma legítima de governo amplamente *aceito*.<sup>2</sup> Pensar sobre esses aspectos reduziria tudo à política das descrições,<sup>3</sup> à qual Vattimo associa a violência da verdade, a natureza conservadora do realismo e a história dos vencedores. Isso significa, no horizonte de reflexão vattimiana, que a política fundada na verdade metafísica implica uma política de autoridade. Com isso, Vattimo acredita que a ideia de democracia concebida pelos especialistas deve ser abandonada e, para isso, é

---

<sup>2</sup> A visão racionalista de uma sociedade que se desenvolve sob a ideia da liberdade econômica capitalista, a democracia é absolutamente utópica, irreal, pois o desenvolvimento social implica uma ampla e profunda discussão da ordem existente. (VATTIMO, G. Llegara ser lo que se era. In: GONZÁLEZ, A. G. (Org). *La vida que viene: desafios, enigma, cambio y repetición después de la crisis*. Madri: Oficina de Arte y Ediciones, 2011b).

<sup>3</sup> No livro *Hermeneutic Communism* (2011a, p. 26) se destaca que “uma política das descrições não impõe o poder para dominar como uma filosofia; ao contrário, é funcional para a existência continuada de uma sociedade de *dominação* que persegue a *verdade* na forma de *imposição* (violência), *conservação* (realismo) e *trunfo* (história)”. (Grifos nossos).

imprescindível recuperar o papel da filosofia como *intérprete*, acentuando-se a sua superioridade em relação às ciências.

Como posição filosófica, a hermenêutica é, provavelmente, aquela que reflete mais fielmente o pluralismo da sociedade que, sobre o plano político, exprime-se na democracia. Tudo isso contra toda a autoridade do fundamento último da metafísica, ou seja, abandona uma sociedade autoritária em favor da prática do consenso e do debate público “com os meios disponíveis, todas as regras da vida coletiva devem ser elencadas com base na negociação e no consenso”. (VATTIMO et al., 1990, p. 82). Vattimo apresenta como a política e as iniciativas sociais podem não apenas sobreviver, mas, sobretudo, modificar a situação da vida social abandonando a pretensão da filosofia tradicional de revelar coisas como a natureza última da realidade e o significado último da vida humana. Além disso, a hermenêutica não é uma filosofia orientada à descrição do estado de coisas, de uma verdade com absoluta correspondência objetiva (entendida como última instância e valor de base, a verdade representa mais um perigo que um valor), mas a posição que melhor interpreta o pluralismo das sociedades democráticas ocidentais e a desconstrução das ideologias fundamentalistas.

É, por esses argumentos, que se compreendem ulteriores desdobramentos a que chegou o pensamento de Vattimo na atualidade, sendo a afirmação da democracia, no limiar do fim da metafísica, considerado sob o ponto de vista histórico-político um dos desdobramentos mais significativos. A relação do *fim da metafísica*, em sua versão política, com o descrédito geral das ideologias políticas totalizadoras vem acompanhada da queda das condições políticas de um pensamento universalístico, entendido aqui nas experiências do fim do colonialismo, a explosão de culturas, na crise do mito do progresso, o paralelo desenvolvimento da antropologia cultural que reconhece as diversas subculturas como reação à pretensa centralidade cultural de matriz eurocêntrica.

Um dado conexo a esse cenário seria o descrédito das representações partidárias em meio às mais diversas transformações das condições efetivas de existência, o que parece, em certa medida, ser algo positivo nas sociedades democráticas, no sentido de repensar a conjuntura política. Com a crise das ideologias totalizantes e no centro do processo de esgarçamento da representação política, a democracia parece assumir uma condição cada vez mais merecedora de atenção especial.

A condição da democracia no pensamento de Vattimo vem relacionada à crise das metanarrativas, com o fim da visão eurocêntrica de mundo, sinônimo de crise da modernidade, que confunde a universalidade abstrata com a mundialização concreta, como consequência do capitalismo de centro. Disso se conclui que o capitalismo (dito *democrático*), de estilo ocidental, não é uma via bastante segura para realizar o bem-estar e a liberdade, embora se tenha colocado na *vanguarda* da luta contra o totalitarismo, da construção de um mundo *isento de ditadores*, como evidenciado na espécie de Ocidente americanizado. A crítica a tal perspectiva implica uma postura não apenas teórico-filosófica, mas, em especial, política ante a centralidade do Ocidente e de sua hegemonia política.

A queda da centralidade do *ocidente* é concebida como liberação das múltiplas culturas e das visões de mundo, que não aceitam mais ser consideradas momentos/partes de uma cultura humana geral da qual o Ocidente seria o depositário, o caso do Ocidente como dissolução da história de um ponto de vista unitário (*fim da história*), dissolução da ideia de progresso e de historicidade unilineares, em sua complexidade mais social e política do que filosófica. Isso já estava presente nas pretensões de Vattimo quando interpretava a questão do fim da modernidade e a sua crítica à metafísica, porém, ainda não desenvolvida por completo.

A crítica à metafísica em Vattimo tem a sua instância teórica quando se desenvolve pelo caminho da hermenêutica, que não está desconectado da condição geral do mundo, o que exige a liberação dos vínculos *fortes* e de todo autoritarismo. O *pensiero debole* permite à filosofia corresponder à dissolução da metafísica e buscar novas metas dentro das condições do ser humano: ao invés de uma compreensão do eterno, a filosofia redirege a humanidade até uma interpretação de sua história, mas avança, quando Vattimo acredita ser interessante a reconstrução das bases de uma filosofia e política de esquerda, a retomada do ideário do comunismo válido à construção da sociedade, inspirado em uma visão da política como grande empresa ética de promoção do humano e em uma nova ordem internacional que seja, acima de tudo, federativa.

## Comunismo hermenêutico: “espectro” do século XXI

Na obra *Hermeneutic communism*, há a advertência que não se objetiva afirmar que o comunismo possa se traduzir em uma postura

filosófica particularizada tampouco que a hermenêutica se traduza em uma posição política determinada. Na verdade, “ambas nos fazem perceber a atual falta de urgência, a saber, da homologação crescente das estruturas políticas, econômicas e sociais de poder. [...] O comunismo e a hermenêutica, mais que posições revolucionárias a serviço do poder, se converteram em respostas alternativas para os perdedores da história, isto é, os fracos”. (VATTIMO; ZABALA, 2011a, p. 12-13).

Com a ideia de interpretação, Vattimo e Zabala procuraram rechaçar toda a interferência da metafísica como arcabouço especulativo-teórico que fundamenta a chamada política das descrições, a filosofia dos vencedores que aspira a conservar o poder, para, assim, buscarem alternativas que contemplem os vencidos, os fracos, os excluídos, enfim, que mudem a ordem do mundo. Desse modo, a interpretação distinta da história é a motivação primordial dos autores, consubstanciada nas aspirações dos vencidos, dos fracos e, embora se reflita sobre o comunismo, não procura seguir uma linha interpretativa calcada no *socialismo científico* – que acredita que a política pode ser baseada apenas em fundamentos científicos e racionais. Então, o que pode aproximar o comunismo da hermenêutica? Essa pergunta se encontra na mesma obra, à qual os autores respondem:

A dissolução da metafísica, a saber, a desconstrução das demandas objetivas da verdade, o ser e o logocentrismo, que Nietzsche, Heidegger e Derrida circunscreveram em suas filosofias. Contudo, se o comunismo representa, hoje em dia, uma alternativa ao capitalismo, não é apenas por causa de sua debilidade como força política nos governos contemporâneos, senão devido também a sua debilidade teórica. (VATTIMO; ZABALA, 2011a, p. 13-14).

O triunfo do capitalismo implicou a perda do poder efetivo do comunismo em suas reivindicações que caracterizaram a sua formulação marxista original como ideal de desenvolvimento que conduziria também a uma lógica de guerra. Em certa medida, essa mesma lógica ainda orienta os governos conservadores e até mesmo aqueles ditos reformistas. A pretensão do *comunismo hermenêutico* abandona o ideal de *desenvolvimento* e o chamamento geral da revolução, pois não se acredita ser suficiente uma revolução paralela às forças da política das descrições que, no século XXI, têm se tornado cada vez mais poderosas, violentas e

opressivas. Então, a intenção de dito comunismo seria evitar revoltas ideológicas graves, a imposição violenta de grandes soluções em favor de intervenções e de resistências específicas. O comunismo alimenta a resistência ante as desigualdades do capitalismo, e a hermenêutica intervém assinalando a natureza interpretativa da verdade. Comunismo e hermenêutica compartilham do mesmo projeto de emancipação com respeito à metafísica, por isso, quando propuseram a obra *Hermeneutic communism*, Vattimo e Zabala se limitam à análise do comunismo em sua função social e insistem na essência filosófica da hermenêutica. Tudo isso justifica o fato de os autores não terem realizado um estudo historiográfico do comunismo, tampouco intentaram analisar o comunismo (histórico) soviético e (modelo contemporâneo) chinês, embora façam as devidas considerações em função do objetivo do livro.

Não obstante, pode-se aqui indagar: Por que a hermenêutica possibilitaria a renovação do potencial do comunismo em nosso mundo atual, dado o registro histórico da não efetivação da experiência comunista no mundo, marcado pelo domínio do capital e pelas experiências desastrosas do socialismo real? Antes de tudo, se adverte que a hermenêutica não se propõe – como representação mais *real* ou objetiva do mundo em relação a outras filosofias – falar de comunismo hermenêutico sem a pretensão de lhe adicionar a *energia* de uma filosofia que lhe conferiria o *status* de ser mais verdadeira que outros sistemas.

Pelo contrário, vemos no comunismo e na hermenêutica o destino de um acontecimento, uma espécie de chamamento do ser (excluindo fatores misteriosos e transcendentos) que a hermenêutica não inventa ou descobre, senão que recebe e luta para responder. Desta maneira, a hermenêutica é como o comunismo de que falava o MANIFESTO: um espectro que nos persegue, uma voz que chama desde os acontecimentos que vivemos. A hermenêutica é similar ao comunismo porque sua verdade, o ser, e sua necessidade são completamente históricos, isto é, não o produto de um descobrimento teórico ou uma correção lógica de erros anteriores, senão o resultado do final da metafísica. (VATTIMO; ZABALA. 2011a, p. 110).

Com o livro *O manifesto comunista* (1848), de Marx, o comunismo foi tratado como um fantasma que aterrorizava os dominantes da época. Passados mais de um século, o comunismo ainda permanece na forma que Marx designou, dadas as condições que mantêm o *status quo*

do domínio que se verifica nas chamadas democracias capitalistas. Um ponto saliente dessa situação é o fato de sempre ter sido tratado como resíduo do passado, o vestígio de um temor conquistado – tão alardeado na recente política eleitoral do Ocidente, dominada pelo capitalismo, ou ainda, “o comunismo se converteu em uma presença fantasmal, e quando se manifesta de algum modo, aparece apenas como um sistema de pensamento e uma história distantes, rígidos”. (VATTIMO; ZABALA, 2011a, p. 109).

Mas isso ainda exige, em certo sentido, a tentativa de recuperação do comunismo como necessidade histórica no mundo ainda dominado pelas democracias liberais e pelo desejo do capitalismo de se impor como ideia absoluta de ser o *ideal da história humana*. Talvez isso justifique o fato de o comunismo erigir-se como alternativa e modelo para o século XXI,<sup>4</sup> quando os chamados *ideais da história humana*, do ideal de progresso, dentre outros, estão perdendo sua credibilidade em meio à grande crise que marca nossa contemporaneidade. Por isso, se o comunismo ainda representa uma utopia ou jamais se deixou assimilar de forma concludente, isso significa que ele é o representante também de um limite crítico indispensável diante das caracterizações/estereótipos que o século XX apresentou. A ideia de que o comunismo não se efetivou constitui, em certa medida, os traços de sua *debilidade* e de sua espectralidade que são a condição indispensável ao seu ressurgimento. O comunismo deve servir, ainda, de *espectro*, o que significa: a) não ser um programa político que propõe mais caminhos *racionais* para um desenvolvimento sem restrições (que formava parte da agenda do socialismo científico); b) ser um movimento que abraça a causa programática do *decremento* como única maneira de salvar a espécie humana; e c) abandonar a ideia de revolução violenta para derrotar o capitalismo armado e a obtenção violenta do poder.

A partir desses aspectos do comunismo postos até aqui, Vattimo e Zabala (2011a) tomam uma atitude de ousadia quando, ao evidenciarem as razões da *aproximação* do comunismo da hermenêutica, pressupondo a própria experiência do fim da metafísica, do final do eurocentrismo

---

<sup>4</sup> Os autores Vattimo e Zabala (2011a) sinalizam que a presença de políticos como Chávez na Venezuela, Morales na Bolívia, Lula no Brasil, Correia no Equador, Bachelet no Chile, Mujica no Uruguai, para citar alguns e, de modo especial, indicam as manifestações de governos eleitos no continente americano como alternativas ao comunismo no século XXI e de como podem servir de modelo para o Ocidente.

como correlato sociopolítico daquela e de sua pretensão de racionalidade universal-ocidental, afirmam que tudo isso proporciona uma oportunidade para o retorno do comunismo do tipo hermenêutico.

O comunismo hermenêutico não é um discurso teórico que aspire simplesmente a oferecer perspectivas filosóficas sobre aquelas ideias de revolução ou transformação radical da sociedade que ainda conseguem sobreviver em nosso imaginário e imaginação. Pelo contrário, é uma teoria capaz de atualizar tanto o marxismo clássico e novamente tornar crível a possibilidade efetiva de comunismo. Enquanto em nível teórico, temos argumentado que uma revolução pode ser corretamente pensada apenas fora dos horizontes científicos e metafísicos que ainda dominam o marxismo clássico, no plano prático tal possibilidade teórica pode vincular-se a exemplos efetivos do “novo” comunismo na América Latina. Em suma, esta teoria não é outra coisa que uma reavaliação da nossa herança marxista, incentivada e inspirada por aquelas realidades que foram delineadas na “América real” de Chávez, Morales e Lula; deve-se notar que, embora Lula teve de lidar com a vasta e complexa história do Brasil, que o obrigou a aplicar os mesmos ideais comunistas de uma forma mais limitada, ele ainda se tornou uma voz alternativa nos assuntos internacionais. (VATTIMO; ZABALA, 2011a, p. 133).

Olhando para a proposta de um comunismo hermenêutico, não há dúvida de que os autores introduzem o elemento *interpretativo* no marxismo e no comunismo, ou seja, propõem um *giro hermenêutico*, não o considerando como um jogo teórico. Tal procedimento se faz necessário quando pretende recuperar os elementos da *subjetividade* que o materialismo *vulgar* (para o qual pesam unicamente as estruturas econômicas) sempre marginalizou e quando considera o rigor da hermenêutica em afastar a hipótese de que a verdade objetiva seja a única a assegurar resultados no plano político. A famosa XI tese de Marx sobre Feuebarch: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo, é chegada a hora de transformá-lo” (1996, p. 14) é, por assim dizer, motivada por uma intenção de crítica ao pensamento filosófico de seu tempo e com a preocupação de transformar a sociedade, no entanto, pergunta-se até que ponto se pode mensurar as transformações que a tradição marxista, incluindo Marx, almejava em relação às condições de existência?

De início, um ponto de vista deve ser destacado: reconhece-se que, embora os filósofos marxistas não tenham transformado o mundo na medida desejada, não significa que o enfoque político estava errado, mas, senão que tal tradição se encontra enquadrada na tradição metafísica. Na interpretação de Vattimo, na obra *Oltre l'interpretazione* (1994) é importante ressaltar que a transformação do mundo exige previamente uma transformação do modo de pensar, exigência que antecede à própria transformação do mundo. Contrária à maioria dos intérpretes clássicos de Marx, a leitura de Vattimo sobre tal tese entende que a afirmação marxiana não desacredita da hermenêutica, tendo em vista que Marx revela que toda interpretação deve produzir uma transformação, diferentemente do que ocorre com a descrição que impõe uma realidade. Portanto, a tarefa da filosofia, hoje em dia, não é descrever, senão aprender a interpretá-la de maneira produtiva.

A perspectiva do *giro hermenêutico* vai na contramão da crença dos economistas em uma verdade absoluta e de mercados trabalhando perfeitamente, do pretexto científico do socialismo, dos erros e da violência de muitos regimes comunistas que resultaram da incapacidade de considerar os aspectos da subjetividade coletiva, que deveriam ser interpretados com o objetivo de inovar nas relações das forças produtivas e abandonar a ideia de que as próprias condições de trabalho garantiriam, automaticamente, a transformação no modo de pensar. Dito de outro modo, a própria ideia de consciência de classe, que certamente teria um peso específico nas teorias da revolução, era imaginada como consequência mecânica e necessária da condição de exploração do proletariado, quando, na verdade, não o era. Além disso, a proposta de Lenin (o poder soviético mais a eletrificação) não implicava que os soviéticos, os conselhos de trabalhadores e camponeses se congregariam no reconhecimento de uma única verdade.

A funcionalidade da verdade das leis do mercado, impostas pelo chamado capitalismo liberal, e as reivindicações científicas de certo tipo de comunismo são consideradas produtos de filosofias absolutas da história. Em suma, dada a inexistência de uma verdade *objetiva* por trás das estruturas da sociedade, o objetivo comunista de uma sociedade sem classes, diferenças e conflitos nunca podem acontecer. A promessa comunista de uma sociedade *sem classes* deve ser interpretada como *sem domínio*, isto é, mais uma vez, sem a imposição de uma única verdade e de uma ortodoxia obrigatórias. Tal sociedade pode, também, ser chamada

de “sociedade do diálogo”, que se confronta diretamente com a manutenção do *status quo* das classes dominantes. Nesse contexto, a concepção dialética da história por parte do comunismo não está dominada como nos sistemas metafísicos, pelo momento da conciliação, senão pela consciência de que o ser, como acontecimento, volta a pôr em dúvida as conciliações já alcançadas. Como teoria dialética, o comunismo hermenêutico não se considera o portador de verdades metafísicas nem uma metafísica da história como conflitos e enfrentamentos.

O comunismo hermenêutico propõe uma concepção efetiva da existência àqueles que não desejam ser *escravizados* em um mundo totalmente globalizado e organizado sob a ótica da produção, do consumo, das condições de existência cada vez mais desiguais. É claro que a integração do mundo – veja-se isso também pelo prisma das novas formas de comunicação, que vêm mobilizando a sociedade nas mais diversas partes do cenário mundial – permite adotar formas alternativas para a transformação do mundo sem o recurso ao compromisso violento que provocaria maior regressão, tornaria mais difícil a resistência. Isso significa que se deve procurar formas de resistência diferentes das revoltas armadas do passado, a exemplo do *pacifismo*, de Gandhi, boicotes, greves e demais manifestações contrárias às instituições opressivas. São alternativas propositivas que Vattimo e Zabala identificaram e que corroboram a premissa de uma sociedade capaz de viver em paz represente o ideal que rege qualquer luta comunista no mundo.

A crise internacional que ainda assola a economia global em nossos dias, em todas as suas dimensões, mantém vivas as expectativas em torno do comunismo. É, por isso, que o *comunismo*, concebido como projeto político em que as temáticas da emancipação estão presentes, pode ser pensado como *libertário* com base em uma concepção hermenêutica de sociedade, que leve em conta o conflito de interpretações, no qual se percebe uma espécie de *anarquismo* que vemos revelado nas redes sociais, e que proclama o fim da utopia do modelo unitário. É claro que tal via, de fato, ainda não existe no plano estritamente econômico, embora com a crise atual tenha ampliado tal possibilidade. Porém, existem sinalizações significativas da abertura para o diálogo com as experiências fundantes como as latino-americanas, de países não alinhados com a política norte-americana, como é o caso da Bolívia, da Venezuela, do Brasil, dentre outros. A presença no panorama internacional das experiências do

continente americano representa, em certa medida, o caráter *espectral* do comunismo, uma promessa que não se identifica com nenhum elemento concreto definitivo, porém, pode ser percebido na opinião pública e na projeção da desconfiança em torno do capitalismo. Certamente, se trata de manter o primado da política sobre a economia.

Pelo exposto até aqui, pode-se, então, destacar que a questão política ocupa lugar incontestado no pensamento de Vattimo: espaço de militância, reflexão e difusão por meio de suas obras. Isso já estava posto, de forma embrionária, quando o filósofo turinense elaborou o seu *pensiero debole*. Por isso, também, nos é possível afirmar que, embora Vattimo não o tenha concebido nos anos 80 como uma corrente, a nomenclatura de um *sistema* de pensamento, o *pensiero debole*, com a maturidade que alcançou ao longo dos anos, pode ser considerado não apenas uma alternativa à época da crise das estruturas *fortes* do pensamento, mas, sobretudo, como uma propositura filosófica para pensar nossa atualidade. Espera-se que se tenha contribuído para o debate e a pesquisa em torno do pensamento de Vattimo e, de modo especial, para a ampliação da recepção de seu trabalho no cenário brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- BOBBIO, N.; BOSETTI, G.; VATTIMO, G. *La sinistra nell'era del karaoke*. Roma: Donzelli, 1994.
- BODEI, R. *A filosofia do século XX*. Trad. de Modesto Florenzano. São Paulo: Edusc, 2000.
- CHIURAZZI, G. (cura). *Pensare l'attualità, cambiare il mondo*. Milano: Bruno Mondadori, 2008.
- DOTOLO, C. *La teologia fondamentale davanti alle sfide del pensiero debole*, di Gianni Vattimo. Roma: LAS, 1999.
- D'ARCAIS, P. F. *Per una critica esistenzial-empirista dell'ermeneutica*: almanacco di Filosofia. Roma: Micromega, 2011. v. 5.

DUSSEL, E. *La ética de la liberación: ante el desafío de Apel, Taylor e Vattimo*. México: Plantel Laguna, 1999.

GIORGIO, G. *Nichilismo ermeneutico e política. A parte rei – Revista de Filosofia. Madri, nov. 2007.*

GIORGIO, G. *Il pensiero di Gianni Vattimo: l'emancipazione dalla metafisica tra dialettica ed ermeneutica*. Milano: Franco Angeli, 2006.

HEIDEGGER, M. A superação da metafísica. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio e conferências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MAIA, A. G. B. *A dimensão ética da ontologia dell'attualità de Gianni Vattimo*. 2010. 201f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

MAIA, A. G. B. Do ocaso do Ocidente ao comunismo ideal: aspectos ético-políticos do pensamento de Gianni Vattimo. In: MAIA, A. G. B.; SILVA, R. G.; ASSAL, H. *Filosofia política, emancipação e espaço público*. Curitiba: Juruá, 2013.

MAIA, A. G. B. Ocaso do Ocidente e democracia: o comunismo ideal como terceira via? In: PANSARELLI, D. *Filosofia latino-americana: suas potencialidades, seus desafios*. São Paulo: Terceira Margem, 2013.

MARTINS, M. B. *Filosofia pós-metafísica da religião*. Curitiba: CRV, 2014.

MARX, K. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Universitária São Francisco, 2005.

MONACO, D. *Gianni Vattimo: ontologia ermeneutica, cristianesimo e post modernità*. Pisa: ETS, 2006.

PECORARO, R. *Nilismo e (pós)modernidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

ROCHA, A. *Filosofia, religião e pós-modernidade*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

ROVATTI, P. A. *Inattualità del pensiero debole: conversazione con Alessandro Di Grazia*. Udine: Forum, 2011.

TEIXEIRA, E. B. *A fragilidade da razão: pensamento debole e nilismo hermenêutico em Gianni Vattimo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

TEIXEIRA, E. B. *Aventura pós-moderna e sua sombra*. São Paulo: Paulus, 2005.

VATTIMO, G.; ROVATTI, A. P. *Il pensiero debole*. Milano: Feltrinelli, 1983.

VATTIMO, G.; ROVATTI, A. P. *Addio alla verità*. Roma: Meltemi, 2009.

VATTIMO, G. et al. *Le ragioni etico-politiche dell'ermeneutica*: Isaiah Berlin, Amartya Kumar Sen, Vittorio Mathieu. Torino: Giovanni Agnelli, 1990.

- VATTIMO, G. *Vocazione e responsabilità del filosofo*. Genova: Il Melangolo, 2000.
- VATTIMO, G.; CRUZ, M. *Pensar en el siglo*. Madri: Taurus, 1999.
- VATTIMO, G. *Nichilismo ed emancipazione*: etica, politica, diritto. Milano: Garzanti, 2003.
- VATTIMO, G. *Ecce Comu*: como si ri-diventa ciò che si era. Roma: Fazi, 2007.
- VATTIMO, G. *Della realtà*: fine della filosofia. Milano: Garzanti, 2012.
- VATTIMO, G.; ZABALA, S. *Hermeneutic communism*: from Heidegger to Marx. New York: Columbia University Press, 2011a.
- VATTIMO, G. *Oltre l'interpretazione*: il significato dell'ermeneutica per la filosofia (lezioni italiane). Roma, Bari: Laterza, 1994.
- VATTIMO, G. Diferir a metafísica. *O que nos faz pensar*, n. 10, v. 1, out. 1996.
- VATTIMO, G. Llegara ser lo que se era. In: GONZÁLEZ, A. G. (Org.). *La vida que viene*: desafios, enigma, cambio y repetición después de la crisis. Madrid: Oficina de Arte y Ediciones, 2011b.
- ZABALA, S. [cura]. *Una filosofía débole*: saggi in onore di Gianni Vattimo. Milano: Garzanti, 2012.

---

**Submetido em 2 de julho de 2016.**  
**Aprovado em 18 de julho de 2016.**